

# 1 Pedro 2:18-20

Vincent Cheung

Tradução: Felipe Sabino de Araújo Neto<sup>1</sup>

“Escravos, sujeitem-se a seus senhores com todo o respeito, não apenas aos bons e amáveis, mas também aos maus. Porque é louvável que, por motivo de sua consciência para com Deus, alguém suporte aflições sofrendo injustamente. Pois, que vantagem há em suportar açoites recebidos por terem cometido o mal? Mas se vocês suportam o sofrimento por terem feito o bem, isso é louvável diante de Deus”.

As pessoas são altamente sensíveis no que diz respeito à questão da escravidão. Vendo como a escravidão pode envolver grande crueldade de um lado e grande sofrimento de outro, talvez eles devessem ser mais sensíveis sobre ela. Contudo, algumas vezes elas podem chegar ao ponto onde não ouvirão nenhum argumento, não farão nenhuma distinção, e rejeitarão quaisquer discussões sobre o assunto que não façam eco ao seu entendimento da escravidão e sua oposição a ela. Que a “escravidão” sem qualificação é má tornou-se uma suposição inegociável pela qual as outras idéias são julgadas, de forma que alguns atacam a Bíblia sobre esse assunto, tanto sobre o que ela diz como sobre o que ela não diz. E para aqueles cristãos que têm falhado em fazer da verdade o ponto de partida do seu pensamento, o assunto pode algumas vezes lhes trazer grande confusão e embaraço.

Sempre que entramos numa discussão sobre um assunto ético ou social sensível, devemos primeiro guardar em mente que a metafísica precede logicamente a ética. Isto é, nossa visão da realidade é o fundamento necessário para nossa visão da moralidade. A verdade que existe um Deus (e que é inconcebível que não exista nenhum Deus, de forma que afirmar que ele existe é meramente trazer o fato necessário à nossa atenção, e não implica que é possível afirmar que ele não exista), que ele é da forma como é, que ele criou tudo o que existe, que existe espírito e matéria, que ele pré-ordenou todas as coisas, que ele controla diretamente todas as coisas, que ele conhece todas as coisas, que as assim chamadas causas secundárias de fato não possuem nenhum poder causativo inerente em si mesmas, que ele é o único padrão de certo e errado, que ele fez o homem à sua imagem, que ele decidiu julgar cada pessoa, e assim por diante: tudo isso determina o que podemos deduzir sobre ética.

Por exemplo, podemos considerar a questão: Que tipo de mundo é este, no qual o assassinato é imoral? É um mundo no qual Deus reina supremo, no qual ele é o criador de todas as coisas, no qual ele é o único padrão de certo e errado; no qual ele fez o homem à sua imagem, no qual o homem pecou e caiu, no qual Deus ordenou que o homem não cometesse assassinato, e no qual assassinar é atacar a imagem de Deus e transgredir o mandamento de Deus. Neste tipo de mundo, e admitidamente o único tipo de mundo que existe, o assassinato é imoral. Mas na ilha da fantasia do incrédulo, no qual os homens vieram de um processo impossível de evolução, ou no qual o mundo é explicado por

---

<sup>1</sup> E-mail para contato: [felipe@monergismo.com](mailto:felipe@monergismo.com). Traduzido em março/2007.

alguma outra fábula absurda, mesmo que o assassinato seja indesejável para a vítima, o incrédulo não tem nenhuma razão sólida para nos dizer o porquê de tal ato ser imoral.

Assim, nunca devemos começar com um princípio ético e então buscar uma visão da realidade que combine com esse princípio. Nem podemos tomar um princípio ético e testar uma cosmovisão com ele, visto que precisamos de uma cosmovisão antes de poder ter um princípio ético em primeiro lugar. O que acontece é que, no que se refere a um assunto ético sensível, as pessoas freqüentemente fazem da sua visão sobre o assunto o ponto de partida inegociável, e então julgam e filtram tudo o mais através do mesmo. O resultado é que elas se tornam cegas a todos os argumentos e distinções, e quando a Escritura está envolvida, elas se tornam cegas para o seu contexto, significado e aplicação.

No que diz respeito à escravidão, devemos novamente começar com uma visão correta da realidade. Assumindo o que desenvolvemos em outros lugares, podemos afirmar que a única visão correta da realidade é a visão bíblica.<sup>2</sup> Porque todos os não-cristãos possuem uma visão falsa da realidade, não podem afirmar nada sobre a escravidão. Assim, devemos definir sobre que tipo de escravidão estamos falando. E novamente, isso pode soar estranho para alguns, especialmente para aqueles que estão cegos pela sua sensibilidade ao assunto, mas é irracional condenar a escravidão de todos os tipos e em todos os relacionamentos; se por nenhuma outra razão, então pelo fato de que ser um escravo *de Deus* é um privilégio e um motivo de deleite.

Agora, a menção da escravidão freqüentemente envolve idéias conectadas com a situação na América do século dezanove, e para muitas pessoas, esse é o único conceito de escravidão com o qual estão familiarizadas. Contudo, Pedro estava escrevendo a leitores no século primeiro. Assim, a mesma palavra portuguesa pode se referir a coisas que diferem leve ou amplamente. Embora os comentários anteriores sobre ética e a nossa passagem atual possam certamente nos ensinar algo sobre como interpretar a escravidão americana, devemos, em vez disso, nos focar sobre o que Pedro diz para os escravos fazerem no versículo 18, e então sobre o princípio que produz sua instrução como declarada nos versículos 19 e 20.

A palavra traduzida como “escravos” aqui na NVI, e traduzida como “servos” na KJV e NASB,<sup>3</sup> é *oiketai* ao invés da mais freqüente *douloi*. Na realidade, não existe um termo em português que nos dê o significado exato da palavra – “escravos” parece ser muito duro e “servos” muito fraco<sup>4</sup> – e assim, ela é mais bem entendida a partir de uma descrição do que essas pessoas eram.

Na história da Roma antiga, os escravos eram adquiridos pela conquista e seqüestro. Por volta do primeiro século, a população escrava consistia primariamente de descendentes desses escravos. A maioria dos escravos tinha nascido nos lares em que serviam. Em nossa passagem, Pedro está se dirigindo a alguns desses servos domésticos que tinham se tornado cristãos.

Havia vários tipos de escravos. Os escravos de minas trabalhavam sob as piores condições e, conseqüentemente, tinham a menor expectativa de vida. A situação dos escravos domésticos era mais agradável. Eles não eram somente indivíduos inaptos ao trabalho físico duro, mas muitos deles eram profissionais treinados responsáveis por importantes deveres na casa. Assim, esses escravos podiam ser doutores, professores, músicos, administradores das finanças, e assim por diante.

<sup>2</sup> Veja Vincent Cheung, *Questões Últimas, Confrontações Pressuposicionalistas, e Cativo à Razão*.

<sup>3</sup> Nota do tradutor: A RA e RC também trazem “servos”.

<sup>4</sup> Hillyer sugere “servos domésticos que não eram livres” (p. 83), e Grudem descreve-os como “[empregados] semi-permanente sem liberdade legal ou econômica” (p. 124).

Os escravos domésticos eram freqüentemente bem tratados. Muitos deles eram considerados membros confiáveis da família. Eram usualmente pagos pelo seu serviço, e aqueles que conseguiam economizar o suficiente poderiam pagar pela sua liberdade. Alguns dos escravos livres até mesmo se tornavam muito ricos. Assim, os escravos domésticos freqüentemente tinham vidas melhores e desfrutavam de maiores chances que os camponeses livres. Como Keener escreve, “economicamente, socialmente e com respeito a liberdade para determinar o seu futuro, esses escravos estavam em melhores condições do que a maioria das pessoas livres no Império Romano”.<sup>5</sup>

Assim, seria errado pensar que todos os escravos viviam sob constante opressão e sofrimento. Por um lado, um escravo era um escravo. Seu serviço não era voluntário. Ele não era considerado uma pessoa completa, mas uma propriedade, e não tinha nenhum direito civil para proteger seus interesses como indivíduo. Sob a lei romana, o chefe de uma casa poderia até mesmo executar seus escravos. Assim, a condição exata sob a qual um escravo trabalhava dependia do tipo de senhor que ele tinha. Um mestre exigente e irracional poderia tornar a vida de um escravo extremamente difícil.

O ensino cristão não abole a instituição da escravidão, mas aborda a relação entre senhores e escravos. Por um lado, instrui os senhores a tratarem bem os seus escravos, e considerar a Deus como o Senhor comum a eles (Efésios 6:9). Por outro lado, o Cristianismo não favorece automaticamente aqueles que são tipicamente caracterizados como oprimidos – muitas pessoas que se chamam de vítimas entram em problemas porque são rebeldes.

Revoltas de escravos nunca foram bem sucedidas, mas rapidamente esmagadas. A rebelião passiva era mais comum, tal como na forma de um trabalho lento. Assim, os senhores freqüentemente reclamavam que seus escravos eram preguiçosos, especialmente quando não estavam sendo vigiados. Mas a ética do trabalho bíblico é superior, de forma que Paulo escreve: “Escravos, obedeçam a seus senhores terrenos com respeito e temor, com sinceridade de coração, como a Cristo. Obedeçam-lhes, não apenas para agradá-los quando eles os observam, mas como escravos de Cristo, fazendo de coração a vontade de Deus” (v. 5-6).

Aplicando isso à sociedade moderna, a Escritura se opõe à tendência de pensar que numa ação trabalhista a empresa está sempre em falta, e que os trabalhadores estão sempre na condição de oprimidos. A Escritura advoga a justiça para todos – sim, mesmo para os ricos. Os pobres não são considerados como justos simplesmente porque são pobres, e os escravos não são inocentes simplesmente por serem escravos. Ser pobre ou mesmo escravo não é uma defesa suficiente para a preguiça, rebelião ou para atividades criminosas.

Um grupo de estudantes colegiais foi convidado a considerar um caso real no qual um homem e uma mulher foram demitidos do emprego por terem tido relações sexuais nas dependências da companhia, e enquanto deveriam estar trabalhando. A política escrita da companhia proibia tal comportamento e concedia à administração o direito de desligar os culpados das suas funções. Em resposta, o casal entrou com um processo a fim de ganhar o emprego de volta, bem como os salários perdidos.

Um juiz decidiu o caso, mas os estudantes tiveram a oportunidade de escrever suas próprias conclusões antes de ler o veredicto. Quase todos eles ficaram contra a administração. De fato, posso lembrar de apenas um (que era cristão) que favoreceu a decisão da administração. Uma das razões que os estudantes deram para ficar contra a administração incluía a consideração cansativa e freqüentemente falaciosa de que “isso não

---

<sup>5</sup> Craig S. Keener, *The IVP Bible Background Commentary: New Testament* (Downers Grove, Illinois: InterVarsity Press, 1993), p. 643.

é justo”. Mas o que era realmente injusto era a companhia ter até mesmo de explicar e defender sua decisão. De qualquer forma, diferente daqueles estudantes colegiais, o juiz tinha sua sanidade intacta e dedicou a favor da administração.

Paulo sugere que um escravo deveria ganhar sua liberdade se fosse capaz de fazê-lo (1 Coríntios 7:21); de outra forma, ele diz: “Não se incomode com isso” (v. 21). O objetivo primário do evangelho não é incitar a revolução política e social – pelo menos não diretamente – mas chamar um povo para ser o tesouro especial de Deus, e que O adorará em espírito e em verdade (v. 22). O ensino cristão ataca o que seja talvez o maior mal na instituição da escravidão, a idéia de que alguns homens são menos que pessoas. Em vez disso, a Bíblia afirma que todos os homens foram criados à imagem de Deus.

Em Gálatas 3:28, Paulo escreve: “Não há judeu nem grego, escravo nem livre, homem nem mulher; pois todos são um em Cristo Jesus”. Sem dúvida, esse é um versículo da Bíblia muito citado e também um dos mais mal usados e abusados. Uma pessoa não pode inferir tudo o que desejar dessa declaração. O versículo afirma somente que os crentes “são todos um em Cristo Jesus”, de forma que *em Cristo Jesus*, não existe nenhuma classificação de pessoas em termos de raça, *status* e sexo.

Contudo, isso não diz nada sobre as distinções raciais, sociais e sexuais que permanecem. O versículo está falando sobre igualdade no contexto da justificação pela fé. Ele não abole e nem mesmo aborda as instituições e relacionamentos naturais que existem na sociedade, que o próprio Deus estabeleceu. As distinções raciais são tão claras como antes, com a diferença que uma raça não é favorecida acima de outra em Cristo. Paulo diz para os escravos obedecerem aos seus senhores, de forma que ele continua a reconhecer a instituição da escravidão tal como ela existe na sociedade. Mas escravos e senhores são iguais em Cristo. Ou, para falar em termos do rico e do pobre, em Cristo o rico não é mais favorecido do que o pobre, mas isso não muda o fato de que o rico ainda terá mais dinheiro.

Da mesma forma, é tolice usar esse versículo para argumentar a favor da “igualdade” de sexos em instituições tais como casamento e igreja. Ainda menos podemos usá-lo para defender uma visão que contradiga o que Deus ordena em outros lugares na Escritura. Por exemplo, não podemos argumentar: “Não existe homem ou mulher em Cristo; portanto, uma esposa não precisa ser submissa ao seu marido”. O versículo não pode ser aplicado além do seu contexto, como dessa forma. Também, Paulo afirma o exato oposto em outro lugar, a saber, que as esposas devem ser submissas aos seus maridos em tudo, assim como a igreja é submissa a Cristo (Efésios 5:22-24).

Além disso, uma vez que arrancamos do contexto um versículo como Gálatas 3:28, não podemos voltar atrás e limitar sua aplicação. Em outras palavras, se tiramos esse versículo do seu contexto de forma que possamos usá-lo para obliterar a distinção de sexo a que nos opomos num dado contexto, ou numa determinada instituição ou relação, não podemos impedir que ele seja aplicado a todas as instituições e relações, e a todos os contextos – desde o social até o eclesiástico, e até mesmo ao fisiológico.

Isso resulta em todos os tipos de absurdos. Sim, o marido não será mais o cabeça da esposa, que é o propósito pretendido no mal uso de Gálatas 3:28. Mas se isso é inferido de “homem nem mulher”, então as distinções de sexo não podem subitamente reaparecer quando os sujeitos mudam. Assim, não podem mais existir clínicas para mulheres, toaletes para mulheres, roupas para mulheres, remédios para mulheres ou mesmo direitos das mulheres. Não existirá mais nenhuma necessidade de proteger o bem estar da mulher – pessoas são pessoas. Não pode mais existir pais e mães, mas apenas pais sem sexo. E nessa questão, a reprodução não mais requer um homem e uma mulher, pelo menos para os

cristãos – visto que não existe homem nem mulher em Cristo! – requerem-se apenas duas pessoas.

Se basearmos a nossa doutrina e prática de “igualdade” de sexo baseando-nos em Gálatas 3:28, e aplicá-la além do seu contexto, a doutrina imediatamente se auto-destruirá, e a prática se tornará imediatamente irrelevante. O motivo é que uma vez que aplicarmos Gálatas 3:28 falsamente dessa maneira, o próprio assunto desaparece – não existe “homem nem mulher” em Cristo. O ponto é que uma vez que tirarmos o versículo do contexto e abusarmos dele dessa forma, não poderemos então arbitrariamente impedir outras aplicações errôneas.

Embora Gálatas 3:28 e outros versículos se oponham ao racismo, elitismo e sexismo em relação a como devemos considerar as pessoas diante de Deus, eles não apagam todas as distinções com respeito a raça, classe e sexo. Nem eliminam papéis e posições na sociedade, família e igreja. Como a Escritura aborda um determinado contexto deve ser resolvido separadamente, usando outras passagens bíblicas.

Sem dúvida homens e mulheres são iguais em Cristo, e isso significa que Deus não salva homens mais prontamente que salva mulheres, e vice-versa. Eles são todos justificados pela fé em Jesus Cristo, e as mulheres podem crer tão prontamente como os homens. Os cristãos de uma raça são justificados, santificados, honrados e abençoados tal como os cristãos de outras raças. Mas isso não diz nada sobre as suas distinções fisiológicas, seus papéis no casamento, ou mesmo os seus lugares na igreja. Não devemos distorcer a Escritura e usá-la para subverter o que Deus disse em outro lugar na Escritura.

No que se refere à ontologia e soteriologia, maridos e esposa são sem dúvida iguais. Em termos de competência, os maridos serão melhores em algumas coisas, enquanto em outras as mulheres excederão. Contudo, à luz de Efésios 5:22-24, sobre a autoridade e ordem na família, não existe nenhuma dúvida, mas sim o fato de que as esposas devem ser submissas aos seus maridos. Dentro do contexto da passagem, negar isso seria de fato equivalente a uma rejeição da autoridade de Cristo sobre a igreja. Ficamos impressionados como algumas pessoas podem amar o seu sexo mais que a Cristo, de forma que até mesmo cuspiriam em sua face para ganhar um senso de “igualdade” (algumas vezes superioridade) com os líderes que Deus ordenou. Mas então, com um conhecimento da Escritura sobre a condição humana, o pecado não deveria mais nos surpreender.

Essas considerações sobre sexo e casamento numa relação com Gálatas 3:28, servem para ilustrar a importância do uso correto da Escritura, e que nunca devemos tirar um texto do contexto e usá-lo para promover nossos programas favoritos. Devemos começar com a Escritura e aprendermos como deveríamos ver a escravidão, ao invés de começar com uma visão particular da escravidão e então interpretar a Escritura a partir de tal ponto de vista.

Também, devemos guardar em mente que o próprio Deus ordenou certas estruturas e instituições na sociedade humana, e a ênfase da Escritura sobre a igualdade espiritual entre pessoas de várias raças, posições e sexo não aborda diretamente o *status* moral dessas estruturas e instituições. Elas devem ser consideradas separadamente, mesmo que unidas do princípio da igualdade espiritual em Cristo.

Voltaremos nossa atenção agora para o versículo 18. Dirigindo-se aos servos domésticos, Pedro escreve: “Escravos, sujeitem-se a seus senhores com todo o respeito, não apenas aos bons e amáveis, mas também aos maus”. Eles se sujeitarem significa colocarem a si mesmos debaixo da autoridade de seus senhores. A obediência é a implicação necessária, e também parte do significado das palavras. Eles devem se submeter com “todo o respeito” (NIV, NASB, ESV). A palavra *phobos* refere-se a temor, e assim, a

KJV e NKJV<sup>6</sup> trazem “com todo o temor”, mas o ensino do Novo Testamento é tal que somente Deus é digno de um senso de terror. Todavia, provavelmente a palavra “respeito” é muito fraca. Um comentarista sugere que Pedro está tentando instilar uma atitude de “apreensão saudável do desprazer dos senhores”.<sup>7</sup>

Alguns senhores são “bons e gentis” (KJV, NASB), mas outros são “cruéis” (NIV, NKJV). Embora “cruéis” contraste bem com “gentis”, a palavra *skolios* significa “deformado”, e metaforicamente falando, aquilo que é moralmente perverso. A NASB diz “irracional”, e a ESV tem “injustos”. Uma palavra que transmita a deformação ou perversidade moral desses senhores maus é preferida. Naturalmente, aqueles senhores que são moralmente perversos são freqüentemente também cruéis, irracionais e injustos. Eles podem fazer com que seus escravos trabalhem excessivamente e ainda pagar-lhes muito pouco, e submetê-los a condições de trabalho brutais, enquanto dando-lhes expectativas irreais, punindo e privando aqueles que falham em satisfazer os seus requerimentos.

Os escravos que se encontravam sob a autoridade de tais senhores necessariamente experimentariam sofrimento tremendo. Todavia, Pedro diz a esses escravos para obedecê-los também. A Escritura não ensina uma ética conveniente e pragmática. Ela requer que os homens façam o que lhes é ordenado, e não o que parece confortável.

Ao aprender o que a Bíblia ensina sobre submissão à uma autoridade, quer ao governo, aos líderes de igreja, pais ou maridos, vários cristãos tendem a responder: “Mas dentro da razão, correto?”. Ou, eles ressoarão um lamento e murmúrio fraco: “Bem, conquanto eles sejam racionais”. Por “razão” eles geralmente têm em mente o que está dentro dos limites do ~~seu~~ conforto e preferência. Mas se eles são aqueles que estabelecem os limites, então não existe na verdade nenhuma submissão genuína à autoridade.

Portanto, tal reação não é em princípio diferente da rebelião direta, com a única diferença que eles são bem menos honestos. Isso faz do padrão subjetivo de uma pessoa, antes que o mandamento de Deus, a linha que até mesmo as autoridades ordenadas por Deus não devem cruzar. Esse ensino é anátema para aqueles que são obcecados pelos seus direitos pessoais. Alguém ainda pode ouvi-los maravilhados com espanto: “Assim, você *está* dizendo que deveríamos nos submeter a autoridades irracionais?”. A resposta é SIM.

Resistência à autoridade, sem dúvida, é parte da natureza caída do homem, e aparece dentro do contexto de todos os tipos de climas políticos e em conexão com todos os tipos de tendências filosóficas. É mais fácil se submeter a senhores “bons e gentis” que fazem demandas realistas e que fornecem pelo menos um nível mínimo de segurança e conforto. Talvez por essa razão, Pedro não comente mais sobre eles. Contudo, ele acha necessário enfatizar que a submissão se aplica até mesmo quando os senhores são deformados e perversos.

O próprio fato de que ele toma tempo para enfatizar isso mostra que não se tratava de um apóstolo ingênuo, recitando superficialidades moralistas sem ciência das realidades da vida ou das condições reais dos seus leitores. Em outras palavras, sua instrução para os escravos se submeterem não vem sob a suposição de que todos eles recebiam tratamentos favoráveis dos seus senhores. Não há necessidade de lhe perguntar: “Mas o que dizer daqueles que são cruéis e irracionais? O que dizer daqueles que são deformados e perversos?”. Ele escreve: “sujeitem-se... também aos maus”.

Além da tendência de uma mente reprovada ou não-regenerada resistir à autoridade, há outra razão pela qual alguns crentes precisam ser ensinados e lembrados a se submeterem às autoridades humanas, mesmo aquelas que não são sábias nem justas. Isso

<sup>6</sup> Nota do tradutor: A RA e RC também trazem “com todo o temor”.

<sup>7</sup> Grudem, p. 125.

tem a ver com a profunda transformação que os indivíduos experimentam quando se tornam crentes.

Sem dúvida muitos dos escravos no tempo de Pedro eram pobres e desencorajados, sem nenhuma esperança e prospecto. E mesmo aqueles que não eram severamente oprimidos estavam provavelmente acostumados à forma como as coisas eram. Eles poderiam parecer submissos, mas a mera aquiescência não satisfaz a instrução de Pedro para eles se submeterem “com todo o respeito” – isso poderia significar simplesmente que eles careciam de coragem e força para levantar uma revolta decente.

Mas a fé muda todas as coisas.

Primeiro, Deus deu aos cristãos um novo *status* em Cristo. Eles foram justificados, santificados e adotados pelo Altíssimo. Eles foram feitos reis e sacerdotes em Cristo, e agora estão assentados com ele nos lugares celestiais. Aqueles com apenas um entendimento parcial do que lhes aconteceu poderiam pensar que sua recente dignidade como cristãos conflita com a sua posição baixa por natureza. Mas como mencionado, a exaltação espiritual não demanda necessariamente uma revolução social, ou a destruição de estruturas sociais existentes.

Segundo, Deus concedeu aos cristãos um novo poder em Cristo. A conversão envolve muito mais do que uma mudança no pensamento, ou a aceitação de uma nova filosofia. Não, em conjunção com a aceitação do sistema bíblico de crença, aqueles que se voltam para Cristo experimentam tremendas mudanças espirituais e físicas. Como a Escritura diz: “O Espírito do SENHOR se apossará de você, e com eles você profetizará, e será um novo homem” (1 Samuel 10:6).

Os cristãos não estão mais limitados aos seus próprios recursos, mas são preservados através da fé pelo próprio poder de Deus. Do Espírito Santo recebemos alegria, vida, ousadia e poder sobrenatural” Ele nos concede iluminação espiritual e uma conscientização com respeito a Deus, sua santidade, bem como a pecaminosidade humana, tanto em nós como nos outros. Nos tornamos mais sensíveis à injustiça, mais indignados com ela, e agora temos a intrepidez para nos levantar contra ela.

Imagine o que a fé de Jesus Cristo e o poder do Espírito Santo poderiam fazer aos escravos do século primeiro. Nenhuma privação ou opressão poderia suprimir a sensibilidade moral aguda e o poder espiritual explosivo que Deus tinha produzido neles. Mas eles devem ser ensinados sobre a forma apropriada de interpretar e reagir ao mundo. Uma preocupação pastoral, então, é direcionar esse poder sobrenatural nos crentes, e assegurar que suas ações e reações sejam guiadas por um entendimento das instruções verbais de Deus como reveladas na Escritura, de forma que eles usem essa nova força não para desafiar as autoridades humanas, mas para obedecê-las mesmo em face da opressão e injustiça. Eles devem aprender o que Pedro escreve no versículo 16: “Vivam como pessoas livres, mas não usem a liberdade como desculpa para fazer o mal; vivam como servos de Deus”.

Na passagem anterior (2:13-17), Pedro começa com a instrução para se sujeitarem ao governo. Após dizer aos seus ouvintes o que devem fazer nos versículos 13 e 14, ele continua no versículo 15 para explicar o porquê deles precisarem agir assim, isto é, o propósito ou princípio que fundamentava a instrução que Pedro acabara de dar.

Da mesma forma, em nossa passagem atual, Pedro começa no versículo 18 com a instrução que os escravos devem se sujeitar os seus senhores, incluindo aqueles que são cruéis e deformados. Então, no versículo 19, continua para explicar o propósito ou princípio por detrás dessa instrução. Ele escreve: “Porque é louvável que, por motivo de sua consciência para com Deus, alguém suporte aflições sofrendo injustamente”.

Como observado anteriormente, o fato que Pedro instrui os escravos a se sujeitarem “também aos maus” (v. 18) nos diz que ele estava ciente de que nem todas as autoridades humanas são boas e gentis. Ele reconhece que os escravos devem enfrentar algumas vezes “sofrimentos injustos” (NIV). A “dor”<sup>8</sup> do sofrimento injusto refere-se à tristeza ou angústia mental gerada pelo tratamento cruel por parte dos senhores. O versículo 20 refere-se a uma “surra” (NIV) que um escravo poderia receber. A palavra significa bater com o punho fechado.<sup>9</sup>

A questão é como os escravos cristãos deveriam responder quando ficavam sob tal pressão. É com isso em mente que Pedro diz que até mesmo os senhores moralmente perversos não estão isentos da submissão. Antes, é “louvável que... alguém” suporte a punição injusta. Embora ele esteja se dirigindo a escravos, ao declarar o princípio ele se refere a “alguém”, isto é, qualquer pessoa. Assim, não é louvável apenas que os escravos suportem o sofrimento injusto, mas o princípio tem uma aplicação ampla.

Todavia, não é possível para os escravos não-cristãos, ou os não-cristãos em geral, praticarem esse princípio e se tornarem louváveis diante de Deus por isso. Pedro adiciona que é louvável que uma pessoa suporte o sofrimento injusto se ela o faz “por motivo de sua consciência para com Deus”. Há uma dificuldade gramatical na frase grega aqui, mas os comentaristas geralmente concordam que ela se refere a uma consciência da presença de Deus, um entendimento e conhecimento de seus caminhos, e uma obediência deliberada aos ensinamentos de Cristo em meio ao sofrimento injusto.

Existem pelo menos duas inferências que podemos fazer disso. Primeiro, não tem sentido os não-cristãos suportarem o sofrimento injusto, visto que quando o fazem, sempre é por uma razão outra que não a de agradar e honrar a Deus. Segundo, não é louvável nem mesmo para os cristãos suportar o sofrimento injusto se eles o fazem por razões outras que não sua consciência e conhecimento de Deus.

O versículo 20 toma um ângulo informativo sobre o sofrimento que tem implicações bem abrangentes para a sociedade moderna, incluindo o trabalho e as questões raciais. Visto que Pedro repete o ponto várias vezes na carta (2:20, 3:17, 4:15), não iremos exaurir a discussão aqui, mas mencionarei algo mais sobre ela a cada momento em que o assunto for levantado por ele novamente.

A primeira parte do versículo 20 é a contraparte negativa do versículo 20: “Pois, que vantagem há em suportar açoites recebidos por terem cometido o mal?”. O que é “louvável” de acordo com o versículo 19 é o suportar o sofrimento *injusto* por um homem consciente de Deus. Mas se alguém sofre por fazer algo errado, então o mesmo não é um sofrimento *injusto*, e não há nada louvável sobre a pessoa que o suporta.

Observe a extensão na qual o princípio se aplica. O versículo está se referindo a “um açoite”,<sup>10</sup> no qual o malfeitor é punido com socos de punho fechado. Visto que os escravos eram considerados uma propriedade valiosa, os senhores tendiam a exercer moderação, mas podemos assumir que algumas vezes um senhor que estava espancando seu escravo com ira poderia não se importar muito com a quantidade de dor e dano que estava lhe causando.

Algumas pessoas tendem a pensar que não importa o que uma pessoa tenha feito, no momento em que ela é submetida ao castigo físico, ela imediatamente ascende ao alto

<sup>8</sup> Nota do tradutor: v. 19 na versão do autor (NIV). Lemos “agravos” na RC, “tristezas” na RA e “aflições” na NVI.

<sup>9</sup> Nota do tradutor: Portanto, a tradução da RA e RC é apropriada: “...esbofeteados...”. A NIV traz “açoites recebidos”.

<sup>10</sup> Ver nota anterior.



padrão moral. Ninguém “merece” ser espancado violentamente. Um assassino que é espancado torna-se um herói; um estuproador que é executado torna-se um mártir. Mas Pedro não é estúpido e perverso, e ele não mostra tal simpatia. Antes, uma pessoa que está sendo espancada e maltratada por fazer algo errado não pode de forma alguma se queixar disso. Assim, e se as pessoas o golpeiam na face novamente e novamente? E se as pessoas chicoteiam suas costas até que ela não pare de sangrar? Quem lhe mandou fazer algo errado? Isso não é sofrimento injusto!

Pedro tinha em mente o fato que alguns dos seus leitores experimentaríamos sofrimento injusto, talvez algumas vezes por causa de sua fé, e freqüentemente isso envolveria espancamentos não merecidos. Dependendo do tipo de sociedade que uma pessoa vive, algumas vezes haverá regulamentos e procedimentos que estão embutidos na sociedade pelos quais ele pode obter libertação do tratamento injusto. Uma pessoa não é rebelde se toma vantagem deles com a atitude correta (Atos 25:11). Contudo, tal proteção não está disponível a muitas pessoas, e assim, Pedro assegura os cristãos na segunda parte do versículo 20: “Mas se vocês suportam o sofrimento por terem feito o bem, isso é louvável diante de Deus”.

**Fonte:** *Commentary on First Peter*; Vincent Cheung, 101-109.